



FASA - Faculdade de Ciências Sociais
Aplicadas

Curso de Comunicação Social - Jornalismo

JANARY BASTOS DAMACENA

A DESCONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: O MITO DA IMPARCIALIDADE NO
JORNALISMO

BRASÍLIA
2007
JANARY BASTOS DAMACENA

A DESCONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: O MITO DA IMPARCIALIDADE NO
JORNALISMO

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel
em Comunicação Social - Jornalismo.
Orientadora: Claudia Busato.

BRASÍLIA

2007

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

Janary Bastos Damacena

A Desconstrução da Notícia: O Mito da Imparcialidade no Jornalismo

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social - Jornalismo.

Banca Examinadora:

Claudia Busato

Luzia Giffoni

Mônica Prado

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e irmãos, por
Estarem sempre ao meu lado
Mesmo nos erros.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo esforço que sempre tiveram para que eu pudesse ter o conhecimento para me tornar uma pessoa digna, honrada e acima de tudo honesta. E por todo apoio nas decisões mais difíceis que já tive na vida!

Aos meus irmãos pelo companheirismo e pela ajuda de terem tantas vezes cuidado do meu filho enquanto eu escrevia esse trabalho.

À minha namorada Priscila, por toda ajuda e compreensão durante o período em que esse trabalho era realizado. E por também ter me ajudado a cuidar do meu filho quando não podia perder mais aulas.

Aos meus avós Gerardo e Haydée que não se incomodaram com barulho do computador durante as madrugadas que eu escrevia.

À Claudia Busato, pela paciência e incentivo durante um período complicado demais, e pela grande ajuda em orientar uma pessoa insana.

Aos amigos que de alguma forma colaboraram com toda essa loucura em horas de conversas bestas.

Às redações que trabalhei, que me deram base e estrutura para falar sobre jornalismo: Assessoria da Caixa Econômica, TV Educativa, Jornal de Brasília, Assessoria do Palácio do Planalto, Radiobrás e Galha Comunicação e Vídeo.

E por fim, ao meu filho Arthur, que me fez amadurecer e compreender a frase “Certos sacrifícios tem que ser feitos em nome de um bem maior”.

Obrigado.

SUMÁRIO

Resumo.....	07
Introdução.....	08
Capítulo 1.....	10
Os Primórdios da Escrita Circular.....	11
Guttenberg e o Período Pré-Industrial.....	13
Ideais de Capitalismo e a Indústria.....	16
A Ideologia da Comunicação Globalizada.....	19
Capítulo 2.....	22
Importantes Conceitos Jornalísticos.....	25
A Sociologia, a Filosofia e os interesses do Jornalismo.....	26
O Papel do Jornalista.....	28
Narratologia.....	30
Capítulo 3.....	34
Dr. Gonzo e os Motoqueiros Selvagens.....	35
A Víbora do Jornalismo Brasileiro.....	37
Um Estudo dos Narradores.....	38
Análise Narratológica dos Livros-Reportagens.....	41
Conclusão.....	45
Referência Bibliográfica.....	47

Resumo

Quantas vezes já presenciamos discussões acaloradas sobre qualquer tema que fosse e vê-lo terminar ouvindo, sonora e peremptoriamente um “Eu vi no jornal, por isso estou certo”. Vem de longe a afirmação de que jornalismo é a arte de recontar acontecimentos da forma como aconteceram, sendo então um relato fiel da verdade. Mas que verdade é essa? Acreditar que o jornalismo é a reprodução verdadeira dos fatos é errado, pois é presumir que os jornais são imparciais. Este trabalho tem como objetivo apresentar conceitos e explicações de diversos autores audazes (de áreas diferentes, mas, sobretudo, de profissionais do jornalismo) que mostram uma versão que vai além da conceituação do jornalismo enquanto discurso ou lugar da autoridade. Este estudo tende a enxergar o jornalista como uma figura humana que erra, que tem preferências e que, como qualquer outra pessoa, trabalha por dinheiro e faz escolhas que julga melhores para aquela situação. Por isso é forçoso acreditar na utopia de uma imprensa livre de preconceitos e diretrizes pré-estabelecidas pelos ‘donos da mídia’, e o conceito que vai alavancar essa ilusão é o mito da imparcialidade. O trabalho tenta quebrar o mito de que um ser humano, qualquer que seja, pode desistir de suas idéias ou crenças para buscar um relato conciso sobre fatos, aquém do que escreve a própria letra da vida. O mito da imparcialidade prega que a veracidade dos acontecimentos tem que ser apresentada acima de qualquer outra coisa, e quem os escreve precisa deixar de lado todo seu conhecimento. Durante o trabalho fatos históricos e conceitos serão mostrados para que uma compreensão mais adequada da leitura e da interpretação dos fatos possa ser formulada a partir do texto jornalístico.

Introdução

A arte de contar histórias sempre foi o ponto chave para o conhecimento humano acerca de sua própria organização social, seja ela política, religiosa ou cultural, e não só, mas também para o conhecimento de culturas longínquas e algumas hoje possivelmente extintas. E o jornalista, por ser um narrador e “porta voz dos acontecimentos” é quem dispõe da melhor forma de expor qualquer tipo de história, seja ela antiga ou uma previsão de algum fato. A explicação para isso se deve à crença de que as informações são uma necessidade vital para o ser humano.

Mas como ter certeza de que a informação (transmitida através do jornalista, tornada notícia) que nos é repassada, é um relato fiel do que ocorreu? Essa é uma questão demasiadamente complexa, uma vez que as fontes das informações são pessoas como nós, e os jornalistas que escrevem para transmitir essas notícias são de igual forma, seres humanos como qualquer outro, que possuem sentimentos, emoções, pensamentos e acima de tudo absorveram experiências de vida diferentes e a cada momento utiliza delas para realizar suas ações e justificar suas atitudes.

A humanidade evoluiu muito após a criação da escrita, mas de maneira alguma as pessoas deixaram de ser imprevisíveis, o que nos torna assim é justamente sermos diferentes uns dos outros, e essa diferença se dá por causa da forma como encaramos os fatos que nos antecedem. Temos sempre que tomar decisões, escolher algo entre varias opções, e fazemos isso de acordo com o que acreditamos e conhecemos. Cada ser humano cresce aprendendo valores e os aplicando pelo resto da vida. Por esse motivo, os jornalistas não são melhores ou piores que outras pessoas, apenas diferentes, porque escreverem e divulgam sobre os acontecimentos que muitas pessoas tomam como verdade. O jornalismo deveria ser não o lugar da verdade, mas da alteridade.

Por que acreditar então que uma pessoa consegue se desvencilhar de suas crenças para escrever uma notícia imparcial? A imparcialidade é um mito que todo

profissional da área jornalística tenta em vão alcançar, pois grande parte não apresenta uma visão deturpada dos fatos, para que a população tire suas próprias conclusões acerca do acontecimento. O interessante de se estudar sobre o mito da imparcialidade é exatamente compreender que ela não existe, mas que ao mesmo tempo atrai profissionais em uma busca eterna ao que vai se considerar “o verdadeiro jornalismo”. E para estudar a forma, o como e o porque uma notícia é escrita de determinado modo, é imprescindível aplicar o estudo da Narratologia, que é o procedimento utilizado para analisar as narrativas humanas, uma vez que ao contar uma história, estamos narrando um fato. Narrando construímos a história do ser humano, evocamos as “estórias” possíveis e recontamos o passado.

O estudo realizado sobre o mito da imparcialidade ocorreu de forma simples, apresentando inicialmente no primeiro capítulo, a história do jornalismo desde sua criação para que possa se compreender os acontecimentos que viriam a suceder esse fato. No segundo capítulo são apresentados os conceitos filosóficos e sociológicos para que se possa entender em que a imprensa se tornou após sua criação e os rumos que está tomando para o futuro, além de uma melhor conceituação da Narratologia. Por fim, no capítulo final, utiliza-se a metodologia da Narratologia para analisar dois livros escritos por jornalistas distintos, mas que exemplificam contundentemente que a imparcialidade é apenas um mito, que pode ou não ser seguido pelos profissionais da área.

Capítulo 1

A História da Imprensa, sua periodicidade e o jornalismo.

Para compreender o jornalismo, sua objetividade, e, sobretudo o papel destes profissionais, é necessário primeiro conhecer dois conceitos distintos, mas dependentes um do outro: Jornalismo e Imprensa. O jornalismo é definido como a ocupação de um profissional em comunicação, porém o termo comunicador é mais freqüentemente utilizado para determinar toda a organização dos meios de comunicação. Logo, todo significado anterior se mostra equivocado ou insuficiente para abranger, de fato, o ideal da área jornalística em detrimento do conhecimento e da abrangência do exercício de profissão.

Imprensa é a palavra empregada para nomear o aglomerado dos veículos de comunicação, que juntos constituem o capital simbólico do jornalismo e também as suas vertentes de cunho informativo. Muito embora estas últimas não necessariamente precisem se eximir da forma tendenciosa ou unicamente propagandista de ser vinculada para um ou mais grupos de pessoas. Dessa maneira é importante o estudo detalhado da história jornalística para melhor entendimento do por que informação ser parcial, independentemente do tempo e local onde foi feita.

Mas, para iniciar tal estudo, é necessário compreender a história acerca do jornalismo, de forma que se entenda que ela é também a história de todos os sistemas de comunicação de massa da humanidade, desde a criação da prensa até os dias atuais, percorrendo um ciclo que vai do produto ao leitor e deste novamente ao produto, sendo transmitidas de acordo com a necessidade do leitor e/ou do “dono” do produto.

1.1 - Os Primórdios da Escrita Circular.

Para tanto, é de suma importância que ao visualizar o motivo desta forma de transmitir a informação, seja estudada a história de seu surgimento, o que remete ao século XXVIII A.C. em que as primeiras publicações de que se têm conhecimento são reproduções de ordens governamentais e militares de cidades como Suméria e Mesopotâmia. A escrita Romana foi criada de uma derivação do Latim da Roma Antiga, em que símbolos, hoje conhecidos como Transcrições Ortográficas, Contemporâneas, eram utilizados para representar fonemas que por sua vez significavam palavras.

De acordo com Françoise Desbordes, “Essas transcrições tem em comum um conjunto de grafemas fonológicos chamados de alfabeto romano, e que mais tarde seriam base para várias línguas atuais como o próprio português” (DESBORDES, 1995, p.64). Em razão da escrita romana, todo o conhecimento passou a ser lecionado por meio de tabuas grafadas com as palavras, assim como as ordens militares e políticas. Mas a escrita romana foi absorvida dos gregos até então melhor preparado culturalmente, após Roma conquistar o território Grego por meio de guerras, assim como explica Cristina Fulgêncio e Dulce Silvério,

O florescimento da Civilização Romana não está isento do contágio pelo Helenismo. De acordo com as palavras de Horácio: “A Grécia conquistada conquistou por sua vez seu selvagem vencedor e trouxe a civilização ao rude Lácio”. Porém, o fosso abissal que separava o "rude Lácio" do elevado nível cultural atingido pelos Gregos foi rapidamente ultrapassado, como consequência da enorme facilidade dos latinos para adaptarem e assimilarem os costumes das outras civilizações, em particular da Civilização Helénica e Helenística. (FULGENCIO E SILVERIO, 2003).

A era Helenística marcou a passagem da cultura grega para a romana, mesclando assim suas culturas. O jornalista francês Françoise Desbordes comenta que “Não se encontra nela o esplendor literário e filosófico do período áureo da Grécia, mas divisa-se um grande surto da ciência e da erudição.” (DESBORDES, 1995, p.78). Após essas mudanças o povo romano, totalitário e

imperialista transformou a escrita em uma nova forma para o domínio, tanto da população romana inferior com as tábuas de ordens políticas, quanto dos outros povos com as tábuas militares. Essas tabas deveriam ser seguidas a qualquer custo, com penalidades severas para quem não as cumprisse.

Apesar dos gregos dominarem técnicas avançadas de escrita e registros de seus conhecimentos, a primeira forma de controle por meio da escrita feita por quem detinha e/ou criava a verdade sobre o que acontecia, aparece na história através do Acta Diurna, do imperador romano Júlio César no ano 59 A.C. e que mais tarde seria melhorado pelo Imperador Augusto, que mandava colocar uma tábua gravada com as informações militares e políticas em espaços públicos. Esse fato é melhor exemplificado com o tipo de ensino que passou ser adotado séculos depois, de acordo com Cristina Fulgêncio e Dulce Silvério,

No século II a.c., o *pater familias* concede à mãe, a matrona romana, os direitos sobre a educação de seus filhos durante a primeira infância, gozando aquela de uma autoridade desconhecida na Civilização Grega. Mas, por volta dos 7 anos de idade, a educação da criança passa a estar a cargo de seu pai ou, na ausência deste, de um tio. Caberá ao pai a responsabilidade de proporcionar ao filho a educação moral e cívica. Esta passa pela aprendizagem mnemônica de prescrições jurídicas concisas e de conceitos, constantes nas Leis das XII Tábuas, símbolo da tradição Romana. (FULGENCIO E SILVERIO, 2003).

Mas o estudo das crianças romanas era permitido apenas para as famílias nobres, seja política ou militar, sendo que para famílias nobres de outras regiões dominadas por Roma era imprescindível que fossem de castas mais altas para receber este mesmo tratamento. Então desta forma, a camada da sociedade que fazia parte dessa elite que detinha o poder poderia a seu bel-prazer organizar as informações da forma como melhor lhes conviesse, assim como explica a professora de filosofia, Maria Lúcia Aranha, quando diz que “Em sociedades não democráticas as informações não circulam igualmente em todas as camadas da sociedade e nem todos têm igual possibilidade de consumir e produzir cultura”, (ARANHA, 1998, p.35). Como a cultura Européia evoluiu dos povos Romanos e Gregos, e que por sua vez expandiram essa cultura para as demais regiões

ocidentais do mundo, o jornalismo nada mais é que uma extensão desse aprendizado. Cabe aqui, a menção de que a igreja católica, durante a idade média, mantinha homens de cultura mais elevada apenas para a produção de textos, cópias e registros, além da troca de informações entre regiões de difícil acesso.

1.2 - Guttenberg e o Período Pré-Industrial.

Para que a humanidade começasse a transcrever suas informações e massificá-la em livros e folhetins, decorreu-se 300 anos de quando o homem escrevia manualmente na superfície de diversos materiais até 1450, quando com séculos de aprimoramento e tecnologia, o alemão Johannes Guttenberg, adaptou as prensas vinícolas (utilizadas para extrair suco das uvas) aos pergaminhos que derivaram do antigo papiro egípcio (um papel feitos de folhas de plantas). Guttenberg criou também uma tinta de secagem rápida e permanente à base de azeite, para um melhor desempenho das prensas.

E assim, foi criado o primeiro tipo de prensa móvel, sendo o primeiro livro impresso um exemplar da bíblia, que durou cerca de cinco anos para ficar pronta. A escolha do livro a ser impresso se deu por causa da religião católica de Guttenberg, e já demonstrando que a prensa privilegiaria quem detivesse poder. Com a invenção deste aparelho, estava então instaurada uma das maiores formas de poder da nobreza, pois apenas a os nobres tinham instrução suficiente para ler e escrever, logo as informações contidas em documentos seriam transmitidas da forma que os nobres mais aprovessem, e conseqüentemente os livros e textos deixados ao longo dos séculos teriam as mesmas características. A repercussão da prensa criada por Guttenberg foi de tal grandeza justificada apenas pela necessidade da burguesia se comunicar de modo mais fácil, pois em épocas antes do oriente tipos de prensa já haviam sido criadas por chineses e árabes.

Mas mundo ocidental muito mais atrasado foi dar o devido valor para a mecânica da prensa móvel quando as autoridades máximas como reis e

imperadores, com a intenção de unificar todo seu território sob um único controle, se aliam às burguesias, que tem um intrínseco desejo de romper as barreiras feudais para conseguir assim, um livre intercâmbio entre pessoas e bens, além da rápida troca de informações e sua circulação. Essa aliança beneficiaria aos dois lados, então a melhor forma de conseguir o poder almejado era criar uma forma de dominação de massa, por isso a prensa de Guttenberg abriu uma nova era para a humanidade. Segundo Nuno Crato,

As condições reúnem-se para pressionar a urgência da invenção de Guttenberg: a autoridade central necessita de um instrumento de rápida difusão de mensagens e directivas, a burguesia precisa de uma difusão larga de conhecimentos e de uma troca de informações sobre os assuntos do comércio. É a reunião dessas condições econômicas e sociais que explica o advento da reprodução mecânica da escrita. (CRATO, 1983, p.21).

Durante toda Idade Média, folhetins com escritos políticos, econômicos (comerciais) e militares, se tornaram comuns entre as cidades burguesas da Europa. Tanto que a terminologia “Gazeta” foi extraída de Veneza, em que esses folhetins eram vendidos ao valor de uma gazeta, a moeda corrente na época. Mas antes da terminologia Gazeta, existiu uma outra que denominava os folhetins burgueses, as “Folhas Volantes Impressas”, criadas no final do século XV, em que alguns impressores (termo conferido para o trabalhador que fazia este tipo de impressão) passaram a editá-las. De acordo com F.Terrou “Eram pequenos cadernos de 4, 8 ou 16 páginas, às vezes ilustrados com gravuras em madeira, com folhas de notícias em que se relatava um acontecimento importante – batalha, exéquias principescas e festas – ou se reproduzia avisos importantes.” (TERROU, 1970, p.5).

A imprensa percorreu o velho mundo com velocidade incrível, e em menos de 30 anos após a criação da prensa de Guttenberg, adaptada ao interesses da burguesia, mais de 108 cidades da Europa como França. Itália e Alemanha já faziam a utilização destes folhetins. Cerca de 20 anos mais tarde, o dobro de cidades já possuía a prensa com a mesma finalidade. Outro fato digno de nota se deve a utilização dos caracteres góticos do início da tipografia, trazidos pelos

alemães e também popularizados pelos burgueses que dominavam a leitura e a escrita. Além disso, ocorreu também a padronização desses caracteres pelo Vaticano (que controlava todas as igrejas de religião católica existentes), que foi o maior posto de transmissão e emissão de mensagens de informação que a Idade Média teve, devido sua abrangência, que transpassava países e continentes por meio de informantes. Após um longo período foram introduzidos outros caracteres para a simplificação dos menos letrados, o que aumentaria o número de pessoas a compreenderem as informações impressas.

Na medida em que os folhetins eram utilizados como meios de comunicação, mais burgueses buscavam se beneficiar de suas qualidades. Segundo Michael Kunczik, “Os primeiros jornalistas-escritores foram correspondentes dos príncipes governantes das cidades imperiais, das cidades-estado ou das grandes casas comerciais. Mas outras casas comerciais ricas também tiveram seus escritórios de coleta e divulgação de notícias para seu próprio uso” (KUNCZIK, 1988, p.22). Como apenas a nobreza tinha condições de produzir e vincular informações, é bastante óbvio que apenas nobres letrados e servos de confiança seriam bem instruídos nas artes literárias, para usufruir as Gazetas. Logo, a publicidade foi se tornando mais importante para a “imprensa” (termo que na época não existia para denominação que é utilizada nos dias atuais). Michael Kunczik vai além ao explicar que:

À medida que progredia a divisão do trabalho e os mercados cresciam mais e mais, tornou-se necessário anunciar os produtos publicamente. Desenvolveu-se a chamada imprensa de inteligência (de intellegere = tomar conhecimento), especialmente em Paris e Londres de meados do século XVII, que consistia em páginas especiais de publicidade, com uma parte editorial adjunta. (KUNCZIK, 1988, p.23).

Neste período da história da imprensa o fato mais marcante a ser destacado é a Revolução Francesa, cujos efeitos gradativos que alcançaram toda a comunicação mundial, o que representou um momento fundamental para a imprensa. O artigo XI da Declaração dos Direitos do Homem de 26 de Agosto de 1789, que diz “A livre comunicação do pensamento e das opiniões é um dos

direitos mais preciosos do homem: todo cidadão, portanto, pode falar, escrever e imprimir livremente, respondendo pelo abuso dessa liberdade nos casos determinados pela lei”. Com esse fato, a imprensa exercida por algumas casas ricas e descontentes com o governo vigente (que constantemente vinha vigiando, esses folhetos, passaram), passou a gozar de uma liberdade de imprimir suas opiniões severas a estes governos. Porém é necessário que se atente ao fato de que ainda sim com essa liberdade, o poder da imprensa permanecia nas mãos de casas ricas, governos e pessoas com capital o bastante para escrever suas próprias versões do que lhes conviesse.

1.3 – Ideais de Capitalismo e a Indústria

Durante todo o século XIX surgiram pelo mundo os jornais, com intenção de informar a toda população sobre eventos ocorridos com a nobreza. Até mesmo em locais mais distantes como as colônias Britânicas da América (que mais tarde seriam os Estados Unidos). Nessa época a imprensa se encontra em um ponto crucial, em que vários fatores modificariam para sempre a forma como a imprensa mostraria. Nos dois primeiros terços do século XIX, a imprensa sofreu evoluções consideráveis e os principais aspectos e causas dessa evolução podem ser citados por fatores como a industrialização dos métodos de fabricação e a ampliação do mercado da imprensa transformaram inteiramente as condições de sua exploração, que deixou de ser lido apenas pelas elites e burguesia, agora que outras camadas da população conseguiam ter instrução suficiente para ler jornais.

Outro forte ponto foi o considerável progresso tecnológico nas técnicas de confecção dos jornais, como, por exemplo, à mudança no tipo de tinta para secagem mais rápida do jornal e o tipo de papel mais resistente e maleável. Nesse período poucas coisas foram alteradas na prensa de Guttenberg, onde foram adicionadas partes metálicas, até que a prensa inteira seria de metal para dar maior velocidade às impressões. As evoluções tecnológicas dos veículos foram também benéficas para a imprensa já que as informações poderiam percorrer um

maior número de lugares em menor quantidade de tempo. F.Terrou diz que “a transmissão rápida das notícias exigiu esforços consideráveis na primeira metade do século (pombos-correios, postilhões especiais...) e só começou a encontrar sua solução definitiva com o telégrafo elétrico, criado por Morse nos Estados Unidos em 1837” (TERROU, 1970, p.32).

Outros dois aspectos fundamentais nessa evolução da imprensa foram à transformação de um jornalista-escritor em profissão séria, e a criação de agências de notícias ao redor do mundo. Com o crescimento dos jornais, o mercado de notícias conheceu progressos notáveis, que sustentou a criação de agências especializadas em noticiar. As maiores empresas de notícias foram criadas entre 1832 e 1848, eram de grandes investidores franceses, ingleses e alemães. A maioria delas existe até os dias de hoje como grandes potências do mercado de notícias mundial. Mas no período de sua criação todas começaram uma disputa para divulgação de suas informações, que chegavam até mesmo a omitir fatos para exclusividade. De acordo com F.Terrou:

Essas grandes agências logo compreenderam que tal concorrência era inútil e referiram fazer entre si acordos de troca de informações, primeiro esboço de uma divisão do mundo em que cada qual se reservou um domínio geográfico exclusivo. (TERROU, 1970, p.34).

Um acordo entre empresas de comunicação gera uma massificação de informações de um mesmo ponto de vista. Logo, neste formato, as notícias são feitas a partir da ótica de seus donos e transmitidas como verdade para outras agências que irão repassar as informações da mesma forma, assumindo assim, que a verdade possui apenas um lado.

Essas mudanças e formas de manipulação da notícia levaram o filósofo alemão Arthur Schopenhauer a escrever um livro dedicado à forma como a época estava sendo retratada pela imprensa, com seu volume “A arte de Escrever”. Em seu livro, Schopenhauer afirma que “Antes de tudo, há dois tipos de escritores: aqueles que escrevem em função do assunto e os que escrevem por escrever. Os primeiros tiveram pensamentos, ou fizeram experiências, que lhes parecem dignos

de ser comunicados; os outros precisam de dinheiro” (SCHOPENHAUER, 1851, p. 55). Isso mostra que mesmo nessa época os jornais não apresentavam imparcialidade em seus textos, devido a um fator crucial: o lucro que estava sendo gerado pela produção dessas notícias e conseqüentemente pelo consumo que aumentava cada vez mais, feito pela burguesia e assim mais notícias eram feitas para agradar a quem pagava, ou seja, quanto mais se pagava pelos jornais, mais agrado os jornais tinha que fazer a quem pagava que eram os próprios burgueses. Ainda de acordo com Schopenhauer,

Uma grande quantidade de escritores ruins vive exclusivamente da obsessão do público de não ler nada além do que foi impresso e escrito por jornalistas. Todo ser humano pago para fazer algo, o faz da maneira que mais agrada a quem o paga, logo, faz como o pagador manda. (SCHOPENHAUER, 1851, p. 65).

Acumulando todos os progressos feitos pela imprensa nos últimos tempos, o jornalismo dos Estados Unidos e da Europa, iniciam a fase da organização industrial da imprensa. Um sistema base que Nuno Crato explica como

Redefinindo o caráter da notícia a imprensa torna-se atraente para as massas populares. O aumento das tiragens baixa o preço unitário do jornal e atrai sistematicamente a publicidade que, por sua vez, vai pagar parcela crescente dos custos, possibilitando um preço mais acessível. Esse baixo preço é novamente um fator de alargamento do público, o que torna-se cada vez mais atraente ao empresário a inserção de publicidade. O ciclo completa-se. (CRATO, 1983, p.43).

Esse sistema de funcionamento vulgar do jornalismo se associa ao sensacionalismo e a alienação do público consumidor, a concorrência entre os jornais leva a um comercialismo acintoso em que a sociedade que consome essas notícias é a maior prejudicada. A adição de publicidade deixa os jornais completamente dependentes de seu capital financeiro, difunde valores alienantes, desorienta o consumidor e cria uma série de necessidades artificiais – todas programadas com uma única intenção, de aproveitar a circulação de massa para vender – que difere dos princípios do jornalismo que expor a realidade. No mundo

moderno, o jornalismo se afasta cada vez mais do seu início quando servia apenas para informar a burguesia de assuntos sobre a própria elite. Segundo Florence Aubenas, “A comunicação se tornou uma verdadeira visão de mundo. Cada setor da sociedade se organizou para tender a esse novo ideal: aparecer” (AUBENAS, 1999, p.65). A forma adotada pelas empresas de comunicação do século XIX, em tese, é a melhor possível, tendo como principal objetivo desvendar fatos de interesse social e desenvolver soluções para seus problemas. Essa questão será abordada com maior profundidade nos capítulos a seguir.

1.4 - A Ideologia da Comunicação Globalizada

Unindo as informações históricas, pode-se concluir que a burguesia desde a criação da imprensa (e conseqüentemente dos jornais) tem obtido o poder do que é escrito ou não nos diários, o que leva a prática da tendência jornalística do mundo atual, ou na inexistência da imparcialidade, que ao longo dos dois últimos séculos mudou, e transformou sua forma para se adequar aos dias de hoje, mas sem perder algumas características fundamentais.

Hoje todos estão cheios de suas próprias idéias, e a liberdade aparece no momento em que cada um pode reunir seus pensamentos e tentar proliferá-los da forma como achar melhor. Em teoria todas as opiniões se equivalem e têm o direito de serem apresentadas sejam opiniões de relato ou contra o relato. A partir do século XX os jornais modificaram seu molde, onde antes o funcionamento passava pela supervisão de uma única pessoa – normalmente o dono do jornal – que era ao mesmo tempo chefe de redação, o jornalista que escrevia, o gestor comercial e supervisor geral. Nuno Crato afirma categoricamente que “num diário moderno, tal sistema é impraticável. Ao entrar na sua nova fase o jornalismo especializou-se e organizou-se segundo os moldes das empresas industriais” (CRATO, 1983, p.53). De acordo com a afirmação apresentada, se pode concluir que as indústrias mantêm o formato dos jornais, ditando como serão os padrões a serem seguidos, fazendo com que a diretoria dos jornais fosse dividida para várias pessoas, facilitando o cumprimento das ordens.

Em 1945, após a segunda Grande Guerra, a imprensa passa por profundas mudanças e sua evolução tras um novo questionamento acerca de sua estrutura em relação ao mundo que possui, agora, outros meios de comunicação que privilegiam o sistema audiovisual em detrimento da escrita. Tal questionamento ocorreu em grande parte pela nova concorrência entre os veículos impressos contra as novas tecnologias radiofônicas e audiovisuais. Os jornais tiveram de se adaptar a esses novos concorrentes, que acabaram com o monopólio antes exercido pelos donos de jornais impressos, e também iniciaram uma nova massificação de informações, ainda maior que no surgimento da imprensa escrita. Agora pessoas, mesmo sem instrução ou conhecimentos, podem estar informadas acerca de acontecimentos mundanos e, mais que isso, podem ser manipuladas de forma mais simples, apenas absorvendo o que lhes é transmitido por rádio ou televisão.

Esse período ocasionou também a criação de uma nova forma de comunicação escrita, as revistas periódicas, que numa grande variação de região e de tipos de pessoas fazia o que o jornal impresso não conseguia fazer, que era abranger um número cada vez mais fiel de leitores para os assuntos específicos dos que consumiam esse tipo de leitura. Nuno Crato apresenta o que seria a real atividade jornalística como “A transformação do acontecimento em notícia, ou seja, a atividade do jornalista é a apresentação de um noticiário sobre os acontecimentos da atualidade” (CRATO, 1983, p.87). Mais à frente no tempo até os dias de hoje, vemos surgir uma nova forma de comunicação, que supera a todas as outras em termos de agilidade e alienação das massas: A Internet. Surgida no final dos anos de 1980, a rede mundial de computadores que são interligados pelo ciberespaço – um lugar irreal, mas que possui informações reais e capacidade de armazenamento ilimitado até onde se conhece – estabelece uma conexão entre lugares distantes como continentes em um tempo irrisório como segundos. Isso, aliado aos atuais baixos custos de computadores e operadores de internet faz com que qualquer pessoa possa vincular informações a partir da internet, de qualquer lugar do mundo em tempo real, mesmo que a pessoa não habilidade ou competência para fazê-lo.

Em suma, o que acontece é que uma pessoa pode escrever e/ou gravar imagens e áudio sobre qualquer coisa que aconteça ou mesmo inventar um acontecimento. Cada vez mais a opinião vai estar carregada a ideologia de quem está produzindo o material. Segundo Maria Lúcia Aranha

Ideologia é a tentativa humana para explicar a realidade e dar regras de ação. Isso significa que a ideologia tem influência marcante nos jogos do poder e na manutenção dos privilégios que plasmam a maneira de pensar e de agir dos indivíduos na sociedade. (ARANHA, 1998, p.37).

Mas para explicar de maneira contundente o que significa essa forma de narrar fatos e de como eles são encarados pela sociedade faz-se necessário um estudo acerca das formas de narração empregadas pelo jornalismo corrente.

Capítulo 2

Uma equação quase impossível: sobre o papel do jornalista e os modos de se vincular ao mundo

Todo ser humano é um indivíduo único em todas as suas ações e reações. Diferentemente de um jogo de xadrez, onde se pode “prever” determinados movimentos do adversário, é praticamente impossível adiantar como será a reação de uma pessoa a uma situação ou acontecimento. Os homens procuram a satisfação própria, muitas vezes se esquecendo de seus pares, enquanto travam uma desenfreada busca por riquezas, poder, glória, fama ou mesmo apenas felicidade. A grande particularidade do ser humano, que o distingue de outros animais, é sua capacidade de adaptar-se e de aprender com a experiência. Todos crescem absorvendo idéias diversificadas, vivendo momentos diferentes, morando em locais diferentes. Mesmo compartilhando de uma mesma idéia ou um mesmo acontecimento, as pessoas são únicas. Por essa razão, elas adquirem experiências de vida que acabam por transformar o caráter, moldar a consciência, e é o que faz cada um entender como certo ou errado acontecimentos que ocorrem ao seu redor no dia a dia, e assim tomam escolhas de acordo com suas percepções, preferências e opções.

O jornalista é um ser humano como todos os outros, e também faz escolhas e têm sua própria visão acerca da vida. É errado, então, afirmar que em uma reportagem, a pessoa que a escreveu conseguiu se isentar de todas as opiniões que teve, durante a sua vida inteira, para apresentar um fato de modo que apresentasse a verdade. A vida é feita de escolhas e caminhos que conseqüentemente levam a mais escolhas e outros caminhos, e diante de tais acontecimentos é forçoso encarar a vida como algo previsível ou “mecânico”. Por mais rotineira que seja a vida, ela sempre trará eventos que não podem ser controlados ou manipulados, seja uma tempestade que atrapalha o trânsito ou uma doença que impede o trabalho. E são esses fatos incomuns que carregam

em si mesmos, a alcunha de “noticiável”, sendo que tais ocorrências são exatamente o que procuram os jornalistas, na vontade de mostrar o diferente, o incomum, relatar o imprevisível. Por essa razão a atividade do jornalista está mesclada à vida das outras pessoas, e não somente à delas, mas também a do próprio jornalista devido a seu caráter humano e igual ao de todas as outras pessoas. Segundo Pierre Bourdieu:

O campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e sua eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as do mercado dos anunciantes. (BOURDIEU, 1997, p.102).

Porque trabalha com a palavra, o jornalista é visto com um indivíduo que possui ou detém a verdade sobre alguma coisa. Mas esse exercício de autoridade é objeto de discussão. Nada mais errôneo do que este tipo de pensamento, pois como um homem comum que é, o jornalista apenas exerce uma atividade que bem ou mal é remunerada pelos serviços prestados, como qualquer outro indivíduo da sociedade, está submetida a certas regras da profissão. A diferença é que os jornalistas são pagos para informar a população sobre assuntos que podem ser de alguma utilidade pública ou remeter a acontecimentos extraordinários, diferenciados por seu teor insólito. A despeito dos problemas apresentados anteriormente sobre os primórdios da imprensa, com a escolha da burguesia sobre o que é importante ou não, ainda existe algo mais complexo, que é a forma como um jornalista percebe um fato, a forma como ele conta o acontecimento. Tudo isso tem relação direta com as experiências vividas e conhecimentos adquiridos pelo repórter e sobre tudo suas crenças do certo ou errado.

O jornalismo é a arte de recontar acontecimentos, que podem representar interesse comum de uma determinada sociedade. E para que, o interesse de toda uma população possa ser bem difuso, o jornalista que escreve sobre os fatos, precisa entender que suas idéias por vezes podem ir contra o que estiver

apurando. O jornalismo tem obrigação social para com a humanidade, pois é através de reportagens, que problemas de diferentes origens podem ser sanados. Mas é necessário compreender que o jornalismo não tem poder de resolver tais problemas, mas sim, apresentá-los para que pessoas qualificadas possam empreender uma resolução para tal.

Um exemplo a ser considerado é uma matéria jornalística que expõe irregularidades de um político corrupto; neste caso o jornalista, a matéria ou mesmo a empresa de comunicação não tem qualquer poder sobre a condenação ou não desse político, mas abre portas para que a Justiça o condene. Por esse motivo é demasiadamente importante que o jornalista tenha cuidado na apuração de suas reportagens, e na forma como for escrevê-las, pois pode cometer um erro que culmine em problemas para pessoas inocentes. Pierre Bourdieu, afirma

Tudo isso faz com que a influência incessantemente ampliada de um campo jornalístico, ele próprio sujeito a uma influência crescente da lógica comercial sobre um campo político sempre obsecado pela intenção de demagogia, contribua para enfraquecer a autonomia do campo político e, por conseguinte, a capacidade concedida aos representantes de invocar sua competência de peritos ou sua autoridade de guardiães dos valores coletivos. (BOURDIEU, 1997, p.115).

Se cada redação de jornal e jornalista tiver uma preocupação maior com o importante papel social que realizam diariamente, maior será o efeito que as reportagens terão sobre a vida da população, e assim cada vez mais notícias serão consumidas pelo ser humano. Mas para que esse impacto seja concreto, é de fundamental importância, que o empenho em abstrair de suas ideologias, seja fomentado pelos jornalistas. Desta maneira, o senso crítico da população será obrigado a avaliar de forma mais dinâmica e analítica cada informação absorvida, e o repórter apenas apresentará os fatos, se livrando assim de induzir opiniões, com o poder que detêm.

1.1 – Importantes Conceitos Jornalísticos.

Visto atualmente como o quarto grande poder da sociedade (mesmo que, este pode seja atribuído pelo caráter de mostrar o que “o que realmente acontece no mundo”) ao lado do Executivo, Legislativo e Judiciário no Brasil (e na maioria dos países do mundo), o jornalismo precisa perder essa mitificação de verdade absoluta e suprema. Pois um dos grandes problemas dessa afirmação se dá pela impunidade que os jornalistas atribuem a si mesmos, quando deixam seu lado opinativo dissertar livremente em reportagens de cunho factual de extrema importância para a sociedade, sendo que muitas vezes essa opinião é o grande erro que corrompe a matéria gerando graves resultados.

Para melhor compreensão acerca da afirmação de ser o 4º poder, alguns termos precisam ser entendidos ou mesmo apresentados para a sociedade. Esses conceitos são retirados do Dicionário Houaiss e reafirmados pelo Manual de Redação e Estilo do Jornal Folha de São Paulo.

Jornalismo – Atividade profissional que coleta, investiga, analisa e transmite informações da atualidade, por diversos meios como jornal impresso, rádio, televisão e internet.

Informação – Conhecimento obtido através de investigação, apuração ou conjunto de conhecimentos, sobre determinado assunto.

Interesse – O que é importante, útil ou vantajoso dado a algo ou alguém, bem como para obter lucro pessoal ou de uma população.

População – Conjunto ou número de habitantes de uma certa região, país ou categoria particular, ou conjunto de indivíduos de uma mesma espécie que ocorrem juntos em uma mesma região.

Imparcial – Que não julga, nem favorece qualquer objeto ou pessoa, independente da situação em que se encontra.

1.2 – A Sociologia, a Filosofia e os interesses do Jornalismo.

Nossos meios de captar impressões são precários e nossas noções sobre os objetos a nossa volta são ora estreitos ou convencionais. Vemos as coisas apenas na medida em que somos formados para vê-las. E essa formação advém da vida que levamos e das experiências acerca do que gostamos. Sempre contamos histórias da forma como melhor nos parecem, pois a verdade depende da visão de quem está narrando os fatos.

Por esse motivo, desde os primórdios do jornal, quando o homem criou o hábito de ler para se informar, acreditando que todas as palavras ali contidas eram à mais simples e pura verdade, ele foi enganado. Os homens nascem livres para aprender, e durante toda sua existência passam por diversas situações que lhes obrigam a escolher, julgar e executar. Sendo ilusório acreditar que homens com caráter formado e idéias bem difundidas, possam abstrair de todo seu conhecimento e avaliação de moral ou ética, para apontar um fato, de forma que não induza à escolha, deixe que outros façam o julgamento que melhor lhes aprouverem. É natural do ser humano, que imponha sua escolha e vontade aos outros, por mais que seja meramente uma fatalidade ou sem intenção de tal. Esse problema se agrava quando pessoas cujas faculdades mentais são direcionadas academicamente, a pensar e agir de modo que, observando fatos mundanos, possam “elucidar” os mesmos, apontando uma dita “verdade”, ou mostrando o senso comum, que segundo Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Pires,

É o conhecimento adquirido por tradição, herdado dos antepassados e ao qual acrescentamos os resultados da experiência vivida na coletividade a que pertencemos. Trata-se de um conjunto de idéias que nos permite interpretar a realidade, bem como de um corpo de valores que nos ajuda a avaliar, julgar e, portanto agir. (ARANHA e MARTINS, 1998, p.35).

Esse conjunto de idéias representa a maneira como os homens pensam, e através desse tipo de pensamento ocorre a ação. Um jornalista não se difere do restante da sociedade, pois muito antes de se tornar um, ele foi uma criança crescendo e absorvendo da cultura, religião e costumes, que o transformaram na pessoa que é. Exatamente por esse motivo, todo conhecimento e tradição enraizadas na mente de cada pessoa determina o seu modo de ser, e como cada um vai guiar sua vida. Deixamos de olhar, de sentir e traduzir os fatos como eles são em virtude de nossas experiências mundanas e com isso muitas vezes podemos cometer erros grotescos de interpretação dos fatos, e um jornalista mais que todos os outros trabalha com o hábito de descobrir, analisar e reproduzir acontecimentos. A forma como esse fato vai ser narrado, apresentado ao público pode modificar completamente o sentido real do acontecimento, e tudo vai depender do enfoque que o jornalista vai dar para tal. Siddharta Gautama – o ser humano mais elevado, que atingiu plena consciência da vida humana na terra, de acordo com a filosofia budista – explica em suas doutrinas, que:

Por causa da ignorância e das falsas interpretações, os homens criam discriminações, onde, na realidade, não as há. Inerentemente, não existe discriminação entre o certo e o errado no comportamento do ser humano; mas os homens por causa da sua ignorância imaginam tais distinções, julgando-as como certas ou erradas. Levados por sua ignorância os homens estão sempre formulando pensamentos errados, estão sempre emitindo falsas opiniões e, apegando-se ao seu ego, agem erradamente. (GAUTAMA, 2003, p.44).

Deste modo, pode-se perceber que não apenas nos estudos sociológicos e filosóficos, mas também na religião, o homem comete erros de interpretação, devido à forma como ele encara os fatos da vida, justamente por causa de todo conhecimento absorvido em sua existência. Um ponto que pode ser explorado como falho é apressar-se em afirmar que apenas as pessoas com menos instrução e conhecimento é que “sofrem” deste mal da interpretação errônea das factuais da vida. Assim como Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Pires, explicam em seu livro, “Funcionários de empresas, empresários, especialistas de qualquer área, inclusive cientistas, podem estar restritos a forma fragmentárias do

senso comum quando se acham presos a preconceitos, a concepções rígidas, quando sucumbem à ação massificante dos meios de comunicação de massa” (ARANHA e MARTINS, 1998, p.35).

Outra conceituação que se pode fazer acerca de estudos às ações humanas em decorrência de seu conhecimento e aprendizagem é o que Marilena Chauí faz a respeito de como a ideologia transforma a ação das pessoas,

A ideologia é um conjunto lógico e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que deve sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. (CHAUI, 1998, p.113)

Após a apresentação dos fragmentos de vários autores é fácil presumir que de acordo com a região, cultura, tradição, nível de estudo e religião, o homem vai ter uma noção diferenciada dos outros acerca de qualquer coisa sobre a vida e os acontecimentos que a cercam. Os jornalistas estão inclusos nesse grupo, e por essa razão, não escapam dessa análise sendo que tudo que for repassado como notícia e informação serão escritos da forma como o jornalista achar melhor, ou da forma que lhe parecer mais correta, mesmo que isso não condiga exatamente com a realidade. Para a verdade existem dois lados, por isso atribui-se a ela, a versão da quem a conta, ou mais popularmente, a verdade depende de quem a está contando.

1.3 – O Papel do Jornalista.

“O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação” (Artigo 7º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros).

O homem criou o jornalismo, a profissão que tenta explicar toda a vida e o comportamento humano, e que tenta mostrar a verdade. Mesmo que a origem do jornalismo, que advém da imprensa, não seja exatamente com essa proposta,

hoje em dia é sua função. Mas que verdade é essa? O ato de contar histórias vem da humanidade desde seus primórdios, e com esse hábito ganhamos também o costume de relatar os acontecimentos da forma que achamos melhor, e isso acontece porque temos opinião, todo e qualquer ser humano possui senso crítico baseado nas situações que vivenciou. Por essa razão recontar histórias é algo mais ligado ao emocional do que se supõe, o que dizer então dos jornalistas que diariamente escrevem sobre diversos assuntos, e afirmam que sua versão é livre de imposições, regras, e afins?

Como isso é possível, se todo ser humano pensa e age de acordo com o que aprendeu a gostar e odiar? Existe então um questionamento que é colocado em oposição ao significado da palavra imparcialidade, e tudo que ela representa. De acordo com o dicionário Houaiss, “imparcial é uma pessoa que julga sem paixão, e não faz julgamentos que sacrifiquem a verdade e a justiça por considerações particulares” (HOUAISS, 2004, p.401).

Em suma, uma pessoa que se abstém de tudo que viveu e de todas as suas opiniões para fazer julgamento de um determinado fato. O que acontece quando pessoas, mesmo sendo profissionais, que estejam todos os dias acostumados a ver as mais diversas situações e escrever sobre ela, tem o real poder de desligar sua função crítica e analítica do cérebro, apenas por alguns breves momentos para assim escrever um texto jornalístico? A resposta certamente é não! Uma matéria já está fadada imparcialidade a partir do momento em que é escolhida pelo editor, pois porque escolher uma e não outra? Por que dar crédito a um assassinato de pessoa de alta classe, e não de uma pessoa de baixa classe, os mais ávidos responderiam “por causa da noticiabilidade”. De acordo com Norma Alcântara, Manuel Chaparro e Wilson Garcia,

Os jornalistas respondem sobre idealismo, características e imagem profissional, o papel da imprensa. Relatam curiosidades e histórias pessoais e de carreira. Oferecem também impressões e visões sobre sua atividade, o mercado e o mundo. E debatem a nova realidade e tendências do jornalismo, com o advento da comunicação online. (ALCANTARA, CHAPARRO E GARCIA, 2005, p.129).

O jornalismo tem atualmente grande força, em decorrência da necessidade humana de se comunicar, se expressar, de se descobrir e conhecer sobre os outros. E por esse motivo o exercício do jornalismo se transformou em algo maior do que simplesmente narrar fatos, mas contar sobre a vida, o que aliado as necessidades do homem, fez com que a sociedade se manifestasse não só pelo acontecimento dos fatos, mas também antecipando-o e tentando interferir no mesmo, pois assim como explica Manuel Chaparro, "Noticiar, é hoje, a forma mais eficaz de interferir no mundo" (CHAPARRO, 1996, p.154).

1.4 – A Narratologia.

A melhor forma de explicar o como e o porque dos jornalistas escreverem da maneira que o fazem, é explicar os promórdios do jornalismo, até o momento em que a visão de cada um é guiada por suas ideologias porém, a Narratologia servirá para uma melhor compreensão dessa forma de se contar e recontar fatos mundanos. Antes um breve esclarecimento sobre o termo, é imprescindível para um estudo mais completo.

A Narratologia, é um termo traduzido do francês, e introduzido por Tzvetan Todorov no início do séc. XX, em sua obra *Gramática do Decameron*, e significa o estudo de narrações de ficção e não-ficção por meio de seus elementos e construções. Seu estudo possui um vasto campo de conhecimentos úteis para contar ou repassar histórias, no caso do jornalismo, para apresentar fatos. A narratologia analisa o que as narrativas conservam de comum entre si, e o que as faz se tornarem distintas ao mesmo tempo. Para tanto, essa ciência (consolidada como tal, por pesquisadores como Roland Barthes, A.J. Greimas, Vladimir Propp e também Umberto Eco) busca descrever especificamente a forma de narração, procurando regras que possam contribuir na construção de narrações em formas de texto.

A Narratologia é bastante influenciada por tendências do Estruturalismo, por avaliar os textos narrativos como formas, conduzidas por regras, pelas quais os seres humanos criam (ou mesmo recriam) o seu próprio universo. Outro ponto

utilizado pela Narratologia, proveniente do Estruturalismo, é a intenção de isolar os elementos fundamentais e opcionais dos diversos tipos de textos e de descrever as formas como estes se influem entre si.

Sua principal característica é a busca por paradigmas, estruturas e repetições em meio a diferentes obras avaliadas, apesar de analisar os diferentes contextos históricos e culturais em que foram produzidas e para quem foram produzidos. Cabe à Narratologia apontar os textos narrativos dos demais e discriminar suas características. Algumas apresentadas pela Escola Formalista Russa são: a história, a fábula e o acontecimento. A Narratologia é tida como uma ciência provinda do Estruturalismo, por sua semelhança com a Análise do Discurso, devido ao fato de que a sua análise das narrativas serem na maioria das vezes verbalizadas, embora possam também ser escritas ou orais. As constantes mudanças sociais têm feito com que a narrativa venha a ser compreendida não como um produto, mas sim, como um processo.

Se partirmos da premissa de que o texto jornalístico é uma narrativa, como ele configura e conta as suas histórias? Como estimula e projeta a imaginação nos leitores e ouvintes? Como constrói significações? De acordo com jornalista Luiz Gonzaga Motta, essas perguntas são respondidas da seguinte forma:

As narrativas são construções discursivas sobre a realidade humana. São representações mentais lingüísticas organizadas a partir das nossas experiências de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentido sobre o mundo real ou imaginado. Se a narrativa relata uma história verdadeira acontecida no mundo real, é uma construção discursiva sobre as coisas do mundo, uma versão entre tantas outras possíveis sobre os episódios ou as pessoas reais (MOTTA, 2005, p.15).

Traçando um paralelo entre a narratologia e a objetividade jornalística pode-se encontrar opiniões como a do historiador Liriam Sponholz, que em artigo para o Observatório da Imprensa diz:

Objetividade é a palavra-chave para que muitos jornalistas, acadêmicos, leitores de jornal, ouvintes de rádio ou telespectadores tirem as pedras do bolso. Esta postura, no entanto, tem prejudicado que se reflita no que jornalistas,

acadêmicos, leitores de jornal, ouvintes de rádio, telespectadores e críticos da mídia estão pensando quando falam de objetividade. Mesmo quando eles utilizam esta palavra para dizer que objetividade não existe. (SPONHOLZ, 2003).

A idéia organizadora central da Narrativa Jornalística para dar sentido a acontecimentos relevantes é sugerir um tema, para assim analisar todas as possíveis variações que podem ocorrer durante a escrita de uma matéria jornalística, pois a quantidade de assuntos que a mídia (jornalismo) não trata é grande. Basta observar que cada veículo jornalístico tem seu próprio estilo para tratar de determinados assuntos, ou mesmo para falar sobre qualquer um que seja. Então, a pergunta que surge quando se observa isto é a seguinte: um jornalismo que ignora parte da realidade pode ser objetivo?”. Luiz Motta, ainda tenta defender a atribuição jornalística quando explica que “o jornalismo tende para o *showing*, não só porque dramatiza os fatos, atribui importância às personagens e suas falas, mas principalmente porque o narrador procura se distanciar e deixar as conclusões éticas, morais e políticas para os leitores e ouvintes” (MOTTA, 2003). Luiz Gonzaga Motta ainda afirma que “os procedimentos da análise literária não podem ser automaticamente aplicados à narrativa jornalística, até porque a narrativa jornalística não é ficcional, mas uma narrativa fática” (MOTTA, 2003, p.23). O que se entende então, é que em vários aspectos a literatura se assemelha à realidade, porém quando trata-se de uma análise sobre os fatos, a literatura se distancia exatamente por seu caráter fictício, enquanto no jornalismo se lida com o mundo real dos acontecimentos.

Esse fato mostra que as pessoas têm interesses em versões diferentes dos acontecimentos, qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-los significar de um modo diferente; uma afirmação com esta de algum modo ataca ou mina o sentido de legitimidade profissional dos jornalistas, e estes, resistem bastante à noção de que a notícia é não um relato mas uma construção, mas a questão merece maior aprofundamento. O questionamento da forma como os jornalistas encaram os fatos e recontam os acontecimento leva Liriam Sponholz a perguntar:

Partindo do pressuposto de que é possível buscar e se aproximar da realidade, quais são então os critérios necessários e quais são desnecessários para que um jornalista produza um noticiário que tenha uma semelhança estrutural com a realidade, em outras palavras, para que a cobertura jornalística se torne mais objetiva? (SPONHOLZ, 2003).

Mas uma resposta para a indagação de Liriam Sponholz, que pode ser encontrada quando do estudo da narratologia, é de que no jornalismo diário há muitos textos uniformes onde se misturam narração e descrição, por esse motivo, os jornalistas não conseguem e tão pouco pretendem se livrar de qualquer subjetividade.

Capítulo 3

O Fato em Livros-Reportagens e suas Análises Narrativas

Muitas vezes um fato explorado pela mídia pode não ser abordado da forma mais correta ou mesmo de maneira mais ampla para que se tenha noção real do tema tratado. O que pode acontecer, também, são aquelas matérias jornalísticas que, em algumas situações, não apresentam material que poderia melhorar a compreensão acerca do assunto. Assim, elas são publicadas em jornais ou revistas, não incompletas, mas sem apresentar detalhes que poderiam mudar a visão dos fatos e até mesmo o ponto de vista de alguns leitores.

Esse tipo de reportagens necessita de um número maior de entrevistas, uma apuração dos fatos mais detalhada, uma investigação sobre novas informações antes não reveladas, e acima de tudo, ter maior espaço para vincular todo material coletado à matéria. Desta forma, a oportunidade deste tipo de material ser exposto ao público é através de livros-reportagem, que compreendem relatos de grandes acontecimentos, biografias de pessoas famosas (ou que por algum motivo interessem à sociedade), o perfil de personalidades influentes da região (como cidades, estados e países), fatos históricos ou memórias.

Esse tipo específico de literatura jornalística ultrapassa os limites impostos pelas redações durante as rotinas produtivas do jornalismo diário, se aprofundando nos acontecimentos já expostos pela velocidade da mídia e abordando, de forma mais completa e por vezes complexa, o perfil dos personagens envolvidos no acontecimento, além de mostrar situações que levam a outros fatos não explorados e que por algum motivo tem ligação direta com a

história ou desencadeiam outra completamente diferente. A falta de urgência em concluir o trabalho de um livro-reportagem, confere características únicas a esse tipo de escrita que, por vezes, na conclusão do material, mostra uma visão diferenciada a respeito do fato noticiado antes pela maior parte da imprensa.

Mas escrever um livro-reportagem não é tarefa para que qualquer recém-formado na Universidade se aventure a realizar. É importante atentar para o fato de que existe uma diferença entre uma reportagem grande e uma grande reportagem, uma vez que o número de livros dessa classe tem aumentado gradativamente ao longo dos anos. O primeiro tipo é aquele que cansa o leitor, exatamente pela enorme quantidade de informações supérfluas ou que foram praticamente jogadas nas páginas de um livro, tornando-se, assim, quase um documento estatístico que em nada acrescenta ao que já foi apresentado pela mídia. No segundo tipo, pode-se perceber que mesmo em tamanho resumido é uma brilhante apresentação por parte de um jornalista sobre fatos ocorridos em determinada situação; é um conjunto de informações que por estarem bem escritas e com um tamanho longo demais para serem publicadas em um jornal ou revista extrapolam a dimensão básica da reportagem. O livro-reportagem revela aspectos que mostram de forma diferente o acontecimento.

Dois jornalistas representam o que foi apresentado como grande reportagem: o americano Hunter Thompson e o brasileiro Joel Silveira. Cada um escreveu vários livros baseados em suas experiências como jornalistas, sobre fatos que presenciaram de forma mais participativa do que comumente acontece com os repórteres de *dead-line* curto das redações diárias.

1.1 – Dr. Gonzo e os Motoqueiros Selvagens

“Os olhos do jornalista precisam ter a função de câmera. O escritor precisa selecionar e quando necessário interpretar com imagens para chegar à palavra final. Sendo assim, não se pode fazer alterações, nem cortes ou colagens, apenas mostrar a cruel realidade” - Hunter Thompson.

Hunter Simpson Thompson era uma figura destoante dos demais jornalistas de sua época, mesmo mordazes e de mesmo estilo jornalístico. Durante mais de quarenta anos escreveu reportagens sarcásticas sobre a maioria dos assuntos, que foram desde desfiles de moda até corridas de cavalo. Desde cedo enveredou pelo jornalismo literário, forma nada convencional de escrita para jornal, mas que se tornou praticamente moda nas grandes indústrias da mídia durante os anos 1960.

Mas sua forma de escrever histórias era demasiadamente oposta à dos demais autores. Thompson era mais “vulgar” e apaixonado, partidário da contracultura norte-americana, transformou o insulto em uma forma de arte, vociferando contra tudo e todos. Sua forma de escrever era também nada convencional, normalmente redigindo textos entorpecido por todo e qualquer tipo de droga disponível no momento. Os efeitos causavam drásticas modificações na maneira como o jornalismo era feito, pois sempre escrevia em primeira pessoa, não respeitando qualquer estrutura convencional do jornalismo. Escrevia da forma como os fatos aconteciam (ou que ele experimentava) e sempre narrando no presente, mesclando o que considerava notícia às suas alucinações. Sempre rebelde, tinha opiniões e fazia observações ácidas sobre o que estivesse escrevendo, e pior, em todas suas reportagens interferia diretamente no que estivesse acontecendo.

Também causava confusões quando estava investigando fatos, fora das notícias, acumulando contas absurdas em hotéis, alugueis de carros (que geralmente eram destruídos por batidas), fugas da polícia e danos de toda ordem, além do excessivo consumo de drogas. Dada a peculiaridade seu estilo logo foi apelidado por um amigo, e assim nasceu o jornalismo Gonzo. Foi jornalista de vários meios de comunicação americanos entre os anos 1960 e 2005 e publicou mais de 10 livros de reportagens que investigou.

Em seu livro *Medo e delírio sobre duas rodas*, Hunter Thompson, entra no mundo dos selvagens motoqueiros Hell's Angels, quando estes começaram a aparecer, nos Estados Unidos, na década de 60. Seu envolvimento com os motoqueiros passou a ser íntimo, e quando todos os jornais dos EUA criticavam

duramente os Hell's Angel's, Hunter Thompson escreveu, na revista *Rolling Stone*, que eles eram apenas incompreendidos e discriminados. Em agosto de 1965, a revista *True, The Man's Magazine*, escreveu *Eles se intitulam os Hell's Angel's*. Andam de moto pela cidade, estupram e atacam como saqueadores a cavalo – e se vangloriam de que nenhuma polícia é capaz de pôr fim à sua sociedade criminosa de motoqueiros”. Mesmo assim Thompson se pôs a deixar a redação por um ano enquanto conviveu com os Angel, inclusive comprou uma moto para ter contato maior com eles, e em vários trechos do livro ele conta sobre o que acontecia quando se encontravam.

1.2 – A Víbora do Jornalismo Brasileiro

“Nada mais triste do que ver um repórter sentado numa redação a olhar para o teclado, disponível e sem assunto, quando os assuntos, todos eles, estão lá fora enchendo as ruas” – Joel Silveira.

Joel Silveira começou sua carreira como jornalista dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand e durante sua vida também escreveu livros sobre matérias que investigou. A sua maior participação jornalística foi durante o final da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil enviou tropas para conter o avanço dos alemães na Itália. Em seu livro Joel Silveira comenta “Confesso que não foi exatamente por delicadeza que naqueles nove meses perdi uma parte de minha mocidade, ou o que restava dela” (SILVEIRA, 2005, p.178). Os relatos de Joel têm alguns diferenciais em relação aos jornalistas comuns: a capacidade formidável de guardar dados, datas, nomes e fatos nos mínimos detalhes; seus escritos têm o sabor dos grandes cronistas que fizeram escola na imprensa nacional. Seu apelido Víbora foi criado por Assis Chateaubriand por causa das mordazes entrevistas onde o perfil do entrevistado era sempre massacrado por bombásticos questionamentos.

Essa fama foi cultivada em um tempo em que os intelectuais tinham mais orgulho em conquistar desafetos do que aliados. Algo bem diferente da “onda

politicamente correta” de hoje. Além do seu talento nato para recontar fatos em forma de reportagem – e com um enorme faro para saber onde estava a notícia - Joel teve sempre muita sorte. Em alguns momentos previu alguns fatos históricos, noutros, estava apenas no lugar e na hora certa. Também Manuel Bandeira fez-lhe justiça e descreveu seu estilo como “uma punhalada que só dói quando a ferida esfria”. Nunca foi santo, faz questão de frisar. Prefere se calar a fazer perfis lisonjeiros de quem um dia lhe prestou um pequeno favor ou desfrutou de sua amizade, não importa de que lado estivesse. Um dos maiores destaques de sua carreira foi a cobertura que realizou da Segunda Guerra Mundial na Itália, junto à FEB (Força Expedicionária Brasileira), como correspondente dos "Diários Associados".

O início de tudo se dá quando Assis Chateaubriand decide enviar o até então novato Joel Silveira, para passar alguns meses na linha de frente do exército brasileiro (a FEB, Força Expedicionária Brasileira) durante o período em que estavam na Itália, tentando conter o avanço dos alemães nazistas no Monte Castelo. Desde o momento em que precisou embarcar no navio da FEB, juntamente com cerca de seis mil soldados brasileiros, passando por todas as desventuras ocorridas na Itália semi destruída, até sua tão esperada volta, Joel narra de forma emocionada e com um tom de amargura os problemas que enfrentou na Segunda Grande Guerra. Não apenas ver pessoas morrendo, mas também o constante frio a que não estava acostumado sendo que em 1944 o inverno foi considerado um dos piores da história Européia. Mas também mostrou como os pracinhas (soldados da FEB) se comportavam, sobre a alegria que mesmo com os horrores da guerra era possível ver nos semblantes dos jovens. Ao final Joel consegue mostrar que o brasileiro desconhece seu próprio povo, onde não sabemos que nossos soldados foram decisivos para o futuro da guerra, impedindo o avanço nazista para o resto da Europa.

1.3 – Um Estudo dos Narradores

Desde que o homem passou a se comunicar através da fala surgiu também a arte de contar histórias. Contar eventos que não foram vivenciados pela pessoa que reconta a história – o chamado narrador – tornou-se uma prática comum aos seres humanos, e a forma como essa narração foi se modificando ao longo dos séculos mostra como o próprio narrador se modificou. Antes da invenção da imprensa, os fatos eram contados de forma que os ouvintes pudessem tirar suas próprias conclusões, e o narrador tentava ao máximo eximir sua existência da história como personagem (mesmo que fosse apenas o de narrador). Assim é como entende Walter Benjamin:

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994, p.203).

Após a invenção da imprensa as narrações passaram a apresentar um teor mais opinativo, para que os registros não precisassem de muita instrução por parte dos leitores para compreender o que estivesse escrito e para que o “jornalista” pudesse transmitir informações a um número maior de leitores e deter domínio maior sobre eles. Walter Benjamin, confirma essa tese com a seguinte passagem

A consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca haviam influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. (BENJAMIN, 1994, p.202).

Os primórdios da narração apontam que quanto maior a naturalidade com que o narrador contava uma história, fugindo da forma opinativa, mais facilmente ela era absorvida pelo ouvinte e a propensão de recontá-la seria cada vez maior. A relação entre ouvinte e narrador residia exatamente no interesse em conservar o

que foi narrado, justamente para uso do próprio narrador, assim como lhe conviesse. Walter Benjamin, explica que “O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer” (BENJAMIN, 1994, p.220). O que mostra que os narradores burgueses conhecem cada vez mais exatamente por exercer a ação de contar histórias, assim controlando cada vez mais as informações conhecidas, o que finda por deter domínio maior sobre aqueles que ouvem a narração. Mas, com o passar do tempo, os conceitos ‘narrador’ e ‘narração’ sofreram mudanças, compreendendo agora que as anteriormente ditas informações transformaram o próprio mundo do narrador. Silviano Santiago ao estudar a obra de Walter Benjamin apresenta um conceito mais atualizado ou pós-moderno sobre o que veio a ser a relação com a informação. Santiago coloca que:

O narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. (SANTIAGO, 2002, p.46).

Podemos supor, então, que nos casos dos jornalistas Hunter Thompson e Joel Silveira, ambos fogem do conceito de narrador clássico apresentado primeiramente porque cada um fazia parte da história que posteriormente contou, Joel Silveira narrando sobre a guerra que viu acontecer diante de seus olhos e Hunter Thompson sobre os incidentes que causou durante o tempo em que escrevia o que estava vendo. Um participou ativamente dos acontecimentos, enquanto o outro tentou se omitir dos fatos. As duas exemplificações, embora distintamente diferentes são da mesma forma melhor entendidas com a explicação de Silviano, quando este diz que “de maneira ainda simplificada, pode-se dizer que o narrador olha o outro para levá-lo a falar (entrevista), já que ali não está para falar das ações de sua experiência. Mas nenhuma escrita é inocente” (SANTIAGO, 2002, p.50). Isto mostra que mesmo sendo diferentes os métodos de narração de ambos estão calcados na vivência dos fatos presenciados, cada qual da sua maneira.

Possivelmente o que mais se encaixe nas explicações de narrador pós-moderno, seja Joel Silveira, que mesmo presente nos fatos tentando não

acrescentar acontecimentos novos (embora consiga evitar grandes ações, permanecessem as situações em que Joel aparece como personagem de sua própria narração) Silviano configura exatamente essa tentativa “O narrador que olha é a contradição e a redenção da palavra na época da imagem. Ele olha para que seu olhar se recubra de palavra, constituindo uma narrativa” (SANTIAGO, 2002, p.60). Enquanto Hunter, tenta a todo custo apresentar as narrativas em que suas ações modificam os acontecimento, assim narrando justamente sua vivência.

1.4 – Análise Narratológica dos Livros-Reportagens

Como visto anteriormente, uma análise em que se emprega o uso da Narratologia, tende a ser profunda e conseqüentemente longa, pois de acordo com Luiz Gonzaga Motta “a narratologia abarca os métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. É, portanto um campo e um método de análise das práticas culturais” (MOTTA, 2005, p.10). Então, em virtude dessa afirmação, uma metodologia que se desdobra em vários caminhos para depois entrelaçá-los e expor o discurso humano através dos próprios modos de viver da sociedade, em momento algum poderia simplificada.

Porém o que será realizado a seguir não deixa de ser uma análise possível sobre as duas obras em questão. Foi selecionado certo número de categorias para a análise, segundo o dispositivo analítico que pareceu ser o mais apropriado para a tarefa empreendida nesta monografia. Muito embora outras propostas analíticas possam surgir, essa breve ilustração seguindo os passos da Narratologia tem unicamente o objetivo de apontar a impossibilidade de uma imparcialidade jornalística. Os dois livros escolhidos divergem em alguns pontos em sua forma de narração pendendo muitas vezes para o literário, o que não faz com que a análise seja errônea ou mesmo que contenha elementos fora de sua estrutura. Serão apresentadas as duas obras ao mesmo tempo nos mesmos processos de passo a passo, que ao final farão um paralelo sobre o tema. As etapas serão utilizadas tais quais os processos narratológicos, com leves alterações para melhor adequação dos livros.

1ª ETAPA: O Ordenamento do Acontecimento Jornalístico.

“Reconstituir a continuidade do enredo como ele de fato existe no mundo real” (MOTTA, 2005, p.67). Desta forma se recupera a narrativa de forma como o fato ocorreu e como o receptor compreenderá a mensagem final. No livro *Hells Angels*, de Hunter Thompson, em agosto de 1965, o autor inicia uma pesquisa sobre um grupo de motoqueiros que começa a se tornar uma comunidade por todo os Estados Unidos. A partir de então, Thompson abandona durante o período de um ano a redação jornalística para se ater aos motoqueiros e analisar seu modo de vida da forma mais íntima possível, se tornando um deles.

Após esse período Thompson demora mais quase um ano para organizar as informações e lançar o livro. Em 1944, Joel Silveira é enviado para cobrir a atuação do exército brasileiro na Itália contra os alemães durante a Segunda Guerra mundial. Pelo período de nove meses se concentrou entre enviar notícias do que ocorria nos fronts de guerra e tentar não morrer de frio ou fuzilado pelos nazistas. Segundo o próprio Joel, “A guerra é nojenta, e o que ela nos tira (quando não nos tira a vida), nunca mais devolve” (SILVEIRA, 2005, p.178).

2ª ETAPA: Reconstrução de Personagens.

“As personagens vivem e realizam as ações, são elementos chave na projeção da história e na identificação dos leitores com o que está sendo narrado” (MOTTA, 2005, p.73). Os personagens são facilmente identificados nos dois livros, primeiramente há que se notar que existem mais de um tipo para cada obra. Além dos motoqueiros *Hells Angels* de Thompson, existia ainda dois outros grupos que desfilam importância: os policiais, que constantemente entravam em conflitos com o *Angels*; e a população que se dividia entre os que tinham medo dos motoqueiros, e os que tinham raiva (nenhum matinha simpatia por eles). “Por que as pessoas não deixam a gente em paz? Tudo que a gente quer é se reunir e se divertir” citação do motoqueiro Tiny (THOMPSON, 2004, p.28).

Na obra de Joel Silveira estão expressamente simbolizados, também, dois lados em conflito e um que apenas observa com resignação. As tropas brasileiras, guerreando para tomar a Itália e assim conquistar uma posição forte para os aliados na guerra; os nazistas que pretendiam tomar toda a Itália para continuarem a conquistar outros países e submetê-los às suas ordens; e por fim os jornalistas de vários países que tentavam a todo custo se manter informados sobre os rumos da guerra.

3ª ETAPA: As Estratégias Narrativas.

Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: Nenhuma narrativa é ingênua. Estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional do recurso lingüístico e extralingüístico na comunicação jornalística. (MOTTA, 2005, p.80).

Hunter Thompson é quase tido como um herói da contracultura americana, onde tenta por diversas vezes em sua vida mostrar o lado cruel do sonho americano. Em Medo e Delírio Sobre Duas Rodas, Thompson vai fundo na sociedade dos motoqueiros para fazer uma avaliação das pessoas que estavam sendo consideradas inimigos do Estado, simplesmente por não seguirem as mesmas normas de vida que o sonho americano emprega.

Joel Silveira, por sua vez queria encerrar o pensamento público de que os soldados brasileiros pouco tiveram de fazer durante a Segunda Guerra. Inconformado com comentários de que para os brasileiros a guerra foi uma grande viagem onde nada fizeram, Joel tentou amenizar sua mente escrevendo relatos de que ele próprio nunca viu nada pior do que a violência ocorrida na Itália, tanto física quanto o terror psicológico imposto pelos alemães nazistas.

Os morteiros disparam projeteis, que ao explodirem disparam uma chuva de folhetos coloridos, com retratos de mulheres seminuas e legendas convidativas. Eu vi um desses folhetos com uma senhorita, e que dizia "Quando vocês terão isso de novo? Entreguem-se as patrulhas alemãs e venham descansar

em nossos campos de prisioneiros onde há boa comida e bom tratamento. (SILVEIRA, 2005, p.36).

4ª ETAPA: Significados de Fundo Ético ou Moral.

A narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta ou imparcial, é também fortemente determinada por um fundo ético ou moral. Os jornalistas só destacam determinados fatos da realidade como notícia por que esses fatos transgridem de algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural. (MOTTA, 2005, p.86).

Os Hells Angels de quem Hunter Thompson tanto ficou amigo, eram transgressores das leis locais de qualquer lugar onde permanecessem por mais de meia hora. Em plenos anos 1960 cultivavam cabelos mais cumpridos que o aceitável pelos padrões da época, não se preocupavam com empregos fixos ou mesmo com família, nada tomava tanto seu tempo quanto suas motos e diversão em bares.

A Segunda Grande guerra foi o último evento bélico em que praticamente todos os países tomaram partido e colaboraram com seus aliados de alguma forma, fosse mandando tropas para reforço ou dinheiro para financiar armas. A mobilização de tantas nações em prol de uma disputa que, independente de qual fosse o lado vencedor, mudaria completamente o mundo com suas conseqüências.

Conclusão

A imparcialidade não existe! Ela é uma palavra que acomoda os discursos, mas que incomoda ao leitor mais crítico. Existe o mito de que os jornalistas são pessoas que conseguem abstrair-se de todos os seus valores e crenças para relatar e informar sobre acontecimentos alheios a suas vidas. Mas esse imaginário é demasiado falso. A escrita foi um passo fundamental na evolução humana, pois com ela pôde-se criar registros do passado e trocar conhecimentos. O texto escrito ganhou várias formas, entre elas, a da narrativa jornalística.

Muitos autores têm a mesma compreensão acerca do mito da imparcialidade, embora uns mais tímidos que outros, mas a grande maioria dos que foram apresentados neste trabalho em específico mostram consciência plena de suas limitações. Quando se buscam na filosofia temas referentes à forma descobre que as pessoas em nada mudaram em milênios de existência, pois explicações para ideologias e ações humanas continuam sendo as mesmas que filósofos descreveram tempos atrás. O principal livro deste estudo foi *Narratologia*, escrito pelo jornalista Luiz Gonzaga Motta. Essa metodologia (que embora seja nova) expõe a faceta ilusória do jornalismo na forma do mito da imparcialidade sob suspeição. O livro apresenta formas de analisar a narração jornalística usando métodos atualizados e referências da literatura para a melhor compreensão do texto de jornais. Com maior quantidade de páginas e tempo mais prolongado para desenvolver o trabalho monográfico seria mais interessante debater sobre esse estilo de análise: a identificação dos elementos narratológicos nos textos jornalísticos.

A leitura dos livros-reportagens analisados neste trabalho também foi de grande valia para chegar a uma conclusão sobre a imparcialidade, pois são meios diferentes de escrever sobre as experiências profissionais de cada autor. Os dois contam sobre a vivência que tiveram acerca de fatos que se transformaram em

notícia, porém Hunter Thompsom mostra que mesmo interferindo nos acontecimentos, estes não deixaram de se transformar em notícia, assim como Joel Silveira tenta se eximir de influenciar os fatos, apenas relatando-os como ele próprio os percebeu.

O jornalismo é um campo muito amplo de pesquisas, devido à quantidade de informações que são absorvidas diariamente sobre todos os assuntos possíveis, e isso levando em consideração o enorme número de pessoas que estão diretamente envolvidas com a produção de notícias, sejam repórteres, os editores chefes e as fontes, que são pessoas que tem algo a dizer sobre um assunto, se dispondo a dar informações. É como um círculo vicioso em que um acontecimento chama atenção e logo é noticiado, sendo que a busca por mais informações leva a mais pesquisas para mais informações, algo como fonte=editor chefe=repórter=fonte.

Em todas as profissões criam-se mitos, mas continuar acreditando neles pela falta de conhecimento é algo que não pode ser admitido por profissionais de qualidade. O conhecimento é a única coisa que o ser humano pode deixar como herança para seus descendentes, pois os materiais se acabam, restando apenas o que foi transmitido de geração para geração. Quanto mais se conhece sobre um assunto melhor é seu trabalho sobre ele, seus desdobramentos, independente do impacto ou do apelo que possuam de acordo com os caprichosos “valores-notícia”.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. *A Modernização da Imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.

AUBENAS, Florence. *A Fabricação da Informação*. Tradutor: Cristiano Nunes A. Coelho. São Paulo, 1999.

ARANHA, Maria Lúcia; Martins, Maria Helena Pires. *Filosofando, introdução à Filosofia*. São Paulo. Editora Moderna, 1998.

ALCANTARA, Norma; CHAPARRO, Manuel Carlos; GARCIA, Willson. *Imprensa na Berlinda*. Editora Celebris. São Paulo, 2002.

BALZAC, Honoré de. *Os Jornalistas*. Rio de Janeiro. Editora Ediouro, 1999.

BELO, Eduardo. *Livro-Reportagem*. São Paulo. Editora Contexto. 2006.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução; Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1997.

CHAPARRO, Manuel. *Jornalismo na fonte*. Editora Celebris. São Paulo, 1996.

CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1997.

CRATO, Nuno. *Comunicação Social, A Imprensa*. São Paulo. Editora Moderna, 1983.

DARNTON, R. e ROCHE, D. (org.). *Revolução Impressa – a imprensa na França 1775-1800*. São Paulo. Editora Edusp, 1996.

DESBORDES, Françoise. *Concepções sobre a Escrita na Roma Antiga*. São Paulo. Editora Ática, 1995.

FORTES, Leandro. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

FULGÊNCIO, Cristina e SILVERIO, Dulce, no âmbito da cadeira de História e Filosofia da Educação lecionada por Olga Pombo no ano letivo 2003-2004.

GAUTAMA, Siddharta. *A doutrina de Buda*. Tradutor: Jorge Anzai. São Paulo. Editora Martin Claret. 2003.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss*. São Paulo. Editora Objetiva, 2006.

IPANEMA, Marcello. *História da Comunicação*. São Paulo. Editora Rideel, 1924.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo*. São Paulo, 1988.

MATTELART, Armand. *Comunicação-Mundo: história das técnicas e das estratégias*. Petrópolis. Editora Vozes, 1994.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia, Análise da Narrativa Jornalística*. Brasília. Editora Casa das Musas, 2005.

REIS, Carlos. *Dicionário da Teoria da Narrativa*. São Paulo. Editora Ática, 1988.

SANTIAGO, Silviano. *Nas Malhas da Letra: Ensaios*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de Escrever*. São Paulo. Editora L&PM, 2005

SILVEIRA, Joel. *O inverno da Guerra*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2005.

SPONHOLZ, Liriam. *Objetividade e a teoria do conhecimento*. Texto não publicado retirado de material de aulas ministradas por ela mesma, na faculdade USP em 2003.

TERROU, Frederic. *História da Imprensa*. Tradutor: Henrique Costa Filho. Rio de Janeiro, 1970.

THOMPSON, Hunter. *Hells Angels, Medo e delírio sobre duas rodas*. Tradutor: Ludimila Hashimoto. São Paulo. Editora Conrad, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis. Editora Insular, 2005.